

RELATÓRIO DA ESCOLA AMERICANA. SÃO PAULO (1887)

Horace M. Lane

APRESENTAÇÃOAnalete Regina Schelbauer¹

O **Relatório da Escola Americana** de São Paulo, elaborado por Horace Lane, fez parte do *corpus* documental da pesquisa de doutorado desenvolvida por mim no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, a qual resultou na tese intitulada **O método de ensino intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)** (SCHELBAUER, 2003). Essa fonte faz parte da documentação manuscrita do Arquivo do Estado de São Paulo e encontra-se catalogada na Série Instrução Pública sob o número de ordem 4917, lata 5. Instrução Pública. Ensino Particular (1850-1903).

O documento, com 24 páginas, foi encaminhado através de ofício assinado pelo Diretor da Escola Americana ao Ilmo. Sr. Dr. Diretor da Instrução Pública Provincial, aos 29 dias do mês de outubro de 1887, em cumprimento ao Artigo 205 do Regulamento de 22 de agosto de 1887, criado a partir da Lei nº 81, de 06 de abril do mesmo ano.

Inicialmente, o Relatório faz uma apresentação acerca dos dados históricos de criação da Escola, da construção do prédio, níveis de ensino oferecidos, assim como as finalidades educacionais, princípios morais e disciplinares. Na seqüência apresenta oito tabelas: a primeira, contendo as dimensões das salas de aula e dormitórios dos internatos para meninos e meninas e do externato misto. A segunda traz o nome dos alunos, pais ou tutores, nacionalidade, idade, classificação quanto ao regime externo ou pensionista e grau de estudo em que se encontra matriculado. A terceira apresenta o resumo das notas das aulas primárias e secundárias para o terceiro trimestre do ano de 1887. A quarta enumera o total de dias escolares, notas bimestrais e termo médio de freqüência diária. A quinta tabela elenca o corpo docente da Escola e as matérias respectivas. A sexta traz dados sobre o Curso Normal, turma de 1887, tais como: nome dos alunos, procedência, matérias ensinadas, metodologia de ensino e compêndios utilizados. A sétima apresenta o Curso de Estudos Primário e as respectivas matérias distribuídas em três anos, além do Curso Secundário, de quatro anos, com as matérias e respectivos compêndios. Dentre as matérias do curso primário, encontram-se as lições de coisas. A tabela oito contém amostras dos registros diários dos professores e do Diretor, elaborado a partir dos primeiros. Além de amostra do quadro semestral, a partir do qual eram elaborados os boletins semestrais. O Relatório apresenta, ainda, duas circulares destinadas aos professores, a primeira “Quanto à disciplina e aos castigos” e a segunda, versando sobre o “Plano e fim dos pontos tomados diariamente nas aulas”. Em anexo, modelos de boletins mensais e semestrais da Escola para as aulas primárias e secundárias.

A instituição foi objeto de estudo pontual na dissertação de Prado (1999), intitulada **Um modelo pedagógico para a república: práticas educacionais da escola americana em São Paulo (1870-1915)**. Além de estar contemplada nos estudos de Hilsdorf (1977 e 1986), intitulados respectivamente **Escolas americanas de confissão protestante na**

¹ Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Pesquisadora do HISTEDBR – GT Maringá. E-mail: arschelbauer@uem.br

província de São Paulo: um estudo de suas origens e Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador, bem como em minha tese anteriormente referenciada.

É importante ressaltar que a Escola Americana² foi a primeira instituição escolar de confissão protestante fundada na capital paulista em 1870. Os primórdios da Escola, cujos princípios e métodos pedagógicos eram inspirados no que havia de mais moderno nos EUA, são descritos por Venâncio Filho (1946, p. 243) em artigo sobre a contribuição norte-americana para a educação brasileira:

Em 1870, na rua Visconde Congonhas do Campo n.1, uma senhora norte-americana abria na sala de jantar de sua casa de residência, como era corrente ao tempo, uma pequena escola para as crianças que a intolerância religiosa impedia de freqüentar as escolas públicas. O Dr. Jorge W. Chamberlain, seu esposo, empolgado com a idéia, resolve ampliá-la, instalando em um ponto central da cidade, com corpo docente escolhido, uma escola que atendesse à população protestante. Considerando que a concepção protestante duma escola não obriga à propaganda religiosa, desde que obedeça aos preceitos éticos do Cristianismo, numa atitude liberal e franca, resolveu o diretor abrir o estabelecimento a quantos o desejasse freqüentar.

Em 1877, a escola recebeu instalações próprias e, sob a direção do pastor Chamberlain, oferecia ensino primário e secundário. No mesmo ano, foi inaugurado o Jardim de Crianças, dirigido por Miss Phoebe Thomas, considerado um dos pioneiros do gênero no Brasil, contando com auxílio econômico proveniente da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Em anúncio publicado no jornal **A Província de S. Paulo**, em 1880, consta que o *kinder-garden* estava sob a direção de “[...] uma senhora americana que estudou o sistema em uma das melhores escolas desse gênero nos Estados Unidos, ajudada por duas moças, uma americana e outra brasileira”. O anúncio diz ainda que “A escola está organizada sob o mesmo plano que as escolas públicas de Nova York, e o curso de estudos de cada ano, tanto quanto permitem as diversas circunstâncias dos dois países, é o mesmo”. (11/09/1880, p.04).

Dentre as contribuições que a Escola Americana ofereceu ao ensino paulista, podemos citar a atuação de Miss Browne, durante a fase de implantação das reformas republicanas paulistas, nos trabalhos de organização das escolas-modelo, anexas à Escola Normal. Em carta escrita a Rangel Pestana, Caetano de Campos menciona a importância do trabalho da educadora para a implantação da reforma da Escola Normal de 1890:

Depois de uma luta que talvez possa contar um dia, descobri por intermédio do Dr. Lane, da Escola Americana – a quem ficarei eternamente grato pelo muito que se tem interessado pelo êxito da nossa reforma –, uma mulher que mora aí no Rio, adoentada, desconhecida, e que esteve quatro anos estudando nos Estados Unidos. É uma professora, diz o Lane, como não há segunda no Brasil e como não há melhor na América do Norte. Estudou lá, sabe todos os segredos do método, escreve compêndios, sabe grego, latim, em suma é a *avis rara* que eu buscava. Escrevi-lhe. Mostrou-se boa alma, com grande família a sustentar e não podendo vir para cá senão com 500\$000 mensais. No mais, muito entusiasmada pela reforma. Consegui do Prudente o contrato. Aqui começa o Prudente a brilhar. Confesso que estou cativo dele. Como vê, não é sem razão. A mulher do Rio (D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade) vem, pois, reger a aula de meninas da escola-modelo. Chegará aqui antes do fim do mês. Faltava-me, porém, um homem para os meninos, e isso é que é absolutamente

² A Escola Americana, hoje Instituto Mackenzie, funciona na capital do Estado, no mesmo local onde foi construído o primeiro prédio da Escola, no ano de 1877.

impossível. Nova luta e peripécias inacreditáveis para mim. Achei, por fim, não um homem, mas uma mulher-homem. Eis sua fé de ofício: Miss Browne, 45 anos, solteira, sem parentes nem aderentes, sem medo dos homens, falando ainda mal o português, ex-diretora de uma Escola Normal de senhoras em Saint Louis (Massachusetts), possuidora de 250 contos, ensinando crianças por prazer e vocação [...] e, finalmente, trabalhando como dois homens, diz ela, quando o ensino necessita. Tinha vindo para São Paulo, contratada pela Escola Americana, que me cede cinco dias por semana, para ajudar-me a realizar a reforma, que ficaria impossível sem ela. (CAETANO DE CAMPOS, 1890 apud RODRIGUES, 1930 apud REIS FILHO, 1981, p.48).

O anúncio do jornal, a carta de Caetano de Campos, assim como as análises da historiografia evidenciam o caráter modernizador que tornaram conhecida a Escola Americana como um espaço de inovação do ensino, desenvolvendo o método intuitivo e as lições de coisas como matéria do programa de estudos. Inovações que seriam consagradas no período republicano através das reformas da instrução pública paulista.

É com a intenção de contribuir para a pesquisa e a escrita da história das instituições escolares e da escolarização no Brasil em fins do século XIX que apresento essa importante fonte documental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ESCOLA Americana. *A Província de S. Paulo*, São Paulo, 11 de set.1880. Anúncios, p. 4.
- HILSDORF (BARBANTI) Maria L. S. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. 1977. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. 1986. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.
- LANE, Horace M. *Escola Americana*. Relatório. Série Instrução Pública. Odem 4917, lata 5. Instrução Pública. Ensino Particular (1850-1903). Arquivo do Estado de São Paulo.
- PRADO, Alice da Silva. *Um modelo pedagógico para a república: práticas educacionais da escola americana em São Paulo (1870-1915)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- REIS FILHO, Casemiro dos. *A educação brasileira e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1981.
- SCHLBAUER, Analete Regina. *A constituição do método de ensino intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)*. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- VENÂNCIO FILHO, F. Contribuição norte-americana a educação no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.28, n.5, nov./dez. 1946.